

PEDAGOGIA DO MOVIMENTO SEM TERRA: NOVOS OLHARES PARA A EDUCAÇÃO

Jair Pereira da Cruz (PPGE/UNEMAT)

– jairpereira_25@hotmail.com¹

Resumo: Este artigo discute o papel social da educação, a pedagogia do movimento sem terra e a relação trabalho e educação. A partir de uma análise bibliográfica busca-se compreender a pedagogia do MST, seus princípios, valores e objetivos. Busca-se compreender como a educação do campo se organiza de forma política e pedagógica para efetivar a educação emancipadora e a participação dos movimentos sociais na prática pedagógica camponesa. Identificar na pedagogia do Movimento Sem Terra uma nova relação entre escola e sociedade, formação e cidadania. A discussão é importante para observarmos o antagonismo entre o projeto educacional dos movimentos sociais e o projeto de educação capitalista, buscando compreender os interesses sociais que estão em jogo em cada uma das propostas. Enquanto o primeiro possibilita a liberdade das pessoas o outro condiciona- as a exploração e miséria.

Palavras chaves: Educação; Trabalho; Pedagogia do Movimento Sem Terra; Sociedade.

1- Introdução

Educação é uma palavra que todo mundo usa, por isso, tem diversos sentidos. Seu significado pode variar de acordo com a visão de mundo do sujeito, porém num contexto mais amplo pode se dizer que educação é um dos processos de formação humana.

A educação é exercida nos mais diferentes espaços de convívio social e se configura como um processo de socialização das pessoas, sociedades e suas culturas. Porém, a prática educativa não se resume a isso, a educação escolar, tem por objetivo o processo de ensinar e aprender, também insere o indivíduo em determinada sociedade.

¹ Professor efetivo da rede estadual de ensino de mato Grosso e da Universidade de Tangará da Serra/Uniserra. Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia e mestrado em educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso.

Quando se fala em educação pensa-se logo em escola, no entanto, este não é o único espaço educativo, pois a educação começa na família e se estende pelos mais diferentes espaços e contextos sociais onde o sujeito esteja inserido. A chamada educação não formal aglomera todo processo educacional que tem finalidades educativas, sem a preocupação com graus e títulos. Esta é muito comum nas organizações, família, trabalho, círculos sociais e afetivos.

A educação formal em todas as épocas teve por objetivo atender às necessidades da organização social dominante. Portanto a escola deixou de cumprir o seu papel social, de formar para a vida, e dedicou-se a formação de pessoas para atender a um modelo de produção capitalista que se perpetua há séculos.

Partindo desse viés, os estabelecimentos de ensino tem pecado muito ao proporcionar através da educação a transmissão do conteúdo escolar, que não é uma base educativa que propicia emancipação do pensamento pedagógico. Tivemos no decorrer de nossa história, diversas didáticas de ensino que se desenvolveram de acordo com os momentos reais da história social humana.

Neste sentido, aponta-se que a educação escolar já foi discutida sobre diversos pontos de vista, da pedagogia tradicional à pedagogia libertadora, e compreende o processo de ensino e a própria escola como um elemento muito importante, tanto para manter a dominação de opressores sob os oprimidos, tanto para a libertação dos oprimidos.

2- Educação e Sociedade

Tendo em vista essa importância, a educação passa ser um espaço de disputa entre dois modelos de sociedade, o capitalista que está em desenvolvimento no mundo e o socialista que é um sonho dos movimentos sociais, que em conjunto com outros setores da sociedade vem tentando construir.

Quando se fala nessa nova construção social e educação, logo se traz ao bojo da discussão a Educação do Campo, que é um projeto educativo que vem sendo proposto pelos movimentos sociais do campo, que tem como grande propagador o MST, e que propõe uma educação para transformação da sociedade.

Nesta proposta educativa, a educação deve estar sempre ligada a um projeto político e a uma concepção de mundo. No caso da educação do campo a formação crítica do sujeito se dá a partir de ações interligadas entre escola e sociedade. A teoria e a prática são elementos que não se separam e se coadunam na construção de uma política educativa que vai além da escola.

A luta dos movimentos sociais foi, e ainda é muito importante para a proposta de educação que se almeja construir, para a libertação dos indivíduos, por isso, denuncia o pensamento pedagógico capitalista que tem gerado durante sua história e em seu processo de formação um reduto de marginalizados e uma onda de excluídos. E a escola está preparada para refletir sobre isso?

Na formação capitalista a escola não reflete sobre a exclusão, a questão política não entra na sala de aula, porque a discussão quando fomentada pode levar os estudantes a compreender a origem de seu estado social e criar mecanismos de luta contra a exploração cristalizada, e assim impor dificuldades para a sustentação desse projeto.

Neste sentido, segundo aponta Silva (2013, p.41),

[...] fazer a política e pensá-la, significa refletir sobre um projeto de sociedade construído por homens e mulheres, em condições desiguais, voltado para a possibilidade de superação de privilégios para alguns, recusar os modelos de avaliação externa que inferiorizam aqueles que destoam dos padrões e indicadores e a luta dos direitos sociais para todos. Também significa indignar-se e repudiar certas práticas políticas e, ao mesmo tempo, fazer da política a arte e o exercício de distribuir mais para quem tem menos.

A autora nos convoca a refletir sobre a política que sustenta e movimenta a sociedade capitalista, no intuito de problematizar a finalidade da educação e os interesses que por ela são atendidos. Fazer da política a arte de se construir o novo, onde todos sejam iguais e tenham vida digna é a proposta da Educação do Campo, que atua como uma pedagogia que desperta a sociedade para um novo estilo de vida.

Quando a educação tem sentido político, a escola também o tem. Educação e política demonstram relações de forças no seio da sociedade e se configuram como elementos que podem ser usados para alienar e ao mesmo tempo libertar a população. No capitalismo educação e política se afinam para manter a sociedade

dominada pelo poder da elite colonizadora. E para combater essa situação, a Educação do Campo, propõe o inverso, que ambas sejam elementos de libertação da dominação estabelecida, onde não haja diferenças de classes sociais.

Essa transformação que a educação do campo vislumbra não acontecerá de forma gratuita, é necessário lutar por ela, e construir essa possibilidade. Se de um lado os oprimidos se articulam para derrubar através de suas contradições a sociedade capitalista, de outro a mesma também deve se articular agarrada na sua força política para se manter inalterada. No entanto, como afirma Paulo Freire (2005, p.41),

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produção da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtos desta realidade e se esta, na "inversão da práxis", se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens.

Freire chama a atenção para a ação do homem na sociedade que pode transformar ou não a realidade. Esta será transformadora quando englobar educação e política que caminhem de mãos dadas na direção da libertação de homens e mulheres, que estão imersos numa sociedade desigual e subjugados a todo tipo de exploração. Essa realidade opressora é resultado da ação do homem na sociedade, sua transformação só será possível a partir da ação do próprio homem, porém conscientizado e disposto à luta.

Por isso, é necessário dizer que a educação é um ato político e a formação não pode se divorciar das características sociais. Assim, os interesses antagônicos de uma sociedade dividida em classes, e de outra que se pretende construir alicerçada na base da igualdade, ou seja, sem classes, se expressam na política e na educação de forma muito contundente.

A Educação do Campo com os ideais de transformação se apoia na ideologia de Paulo Freire (2004, p.53) e questiona,

Quem melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles os efeitos da opressão? Quem mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de luta por ela.

Paulo Freire alerta que a libertação não acontecerá a partir da “generosidade” da classe que oprime, pois quem sente na pele os efeitos da opressão é quem deve lutar para se libertar. Na busca pela liberdade os movimentos sociais reconhecendo a necessidade da luta, compreendem que a educação deve colaborar com o processo de conscientização da população. Conscientizar-se para libertar-se.

A Educação do campo prima pela formação do homem novo, para nova sociedade. Esse novo sujeito deve compreender a educação como uma construção histórica que se obtém ao longo da vida e se baseia em valores que compreendem o respeito ao outro, aceitação das diferenças, ser solidário, ter responsabilidade, justiça e paz. E ainda em estar preocupado com o que acontece na sociedade a partir de uma visão cidadã.

Dentro dessa lógica, o sentido da educação é social, é coletivo e público. E tem por finalidade uma formação que prepara as pessoas para fazer uso de suas habilidades, competências e conhecimentos em prol de si mesmo e da sociedade em que vive. Desse modo a educação deve servir para melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Na educação emancipadora que os movimentos sociais propõem que o ser humano seja sujeito de sua história e se forme nas relações sociais que estabelecem no seu cotidiano. Quem determina a função social da escola é a coletividade, pensando sempre na qualidade de vida e na construção de uma sociedade sem divisão de classe, ou seja, uma sociedade igualitária em todos os níveis.

A consolidação da sociedade classista deu origem às organizações sociais que permeiam ideias novas, a partir das contradições que apresentam a sociedade em destaque. As ações dessa sociedade também compõem uma educação, também classista, que no decorrer de sua evolução pedagógica, foi apresentando contradições alinhadas às da sociedade burguesa. Então se vê uma sociedade e uma educação, direcionadas por incoerências que não sustentam qualidade de vida e harmonia social entre todas as pessoas.

A pedagogia da educação do campo está propondo uma educação ornamentada com os objetivos da sociedade socialista, que caminha para o bem

estar de todos e o respeito à vida e ao ser humano. Para deixar mais claro como as práticas pedagógicas da Educação do Campo se materializam, observaremos a partir de agora a proposta de educação do MST, um dos principais movimentos na discussão dessa nova proposta educacional.

3 - Pedagogia do Movimento Sem Terra

A pedagogia do Movimento Sem Terra se expressa na discussão da educação do campo, a partir da discussão dos camponeses. Durante muitas décadas na história do Brasil houve um completo descaso com a população do campo. Considerados pela elite agrária como sujeitos atrasados e em extinção, a eles foram renegados todos os direitos constitucionais e um completo abandono de políticas públicas assolou a vida no campo.

De forma organizada o Movimento Sem Terra travou uma luta a favor da Reforma Agrária, que se alinha com educação, saúde, crédito, ou seja, vida digna no campo. Em suas discussões o MST constatou que a sociedade capitalista não se afina com os princípios e valores sociais que enaltecem a pessoa humana e para que o projeto de sociedade que este idealiza se firme concretamente é necessário a construção de uma nova sociedade. E para essa construção a educação é fundamental, porém, uma educação com princípios políticos e pedagógicos sólidos, construídos coletivamente a partir do diálogo e da compreensão.

Deste modo, surge a pedagogia do Movimento Sem Terra, vinculada essencialmente de forma orgânica com os processos sociais que visam à transformação da sociedade e a construção de uma nova estrutura social, tendo como principais pilares a justiça social, a democracia, os valores humanistas e socialistas. Portanto, apontaremos algumas características da educação proposta pelo MST.

A **educação de classe** se configura como uma das características da pedagogia do MST, esta em sua prática pedagógica e política busca o fortalecimento do poder popular e a formação de quadros para organizar os trabalhadores/as. Esta educação tem o compromisso com o desenvolvimento da consciência de classe e revolucionária, nos educadores/as e educandos/as;

A **educação para todos**, é um direito da população brasileira, um direito negado a muitos, principalmente aos camponeses. Na Educação do Campo, luta-se, para que todos tenham o direito garantido e possam se beneficiar de uma educação de qualidade a qual os movimentos sociais almejam para melhorar a qualidade de vida das pessoas e da sociedade de modo geral.

Os movimentos sociais são espaços de lutas e discussões, portanto são espaços que educam. A educação do Movimento Sem Terra, enquanto proposta transformadora da realidade, deve manter sempre o **vínculo com os movimentos sociais**, isto é, que se desenvolva articulada às lutas, aos objetivos e à forma de organização do MST, para que ocorram as mudanças necessárias na sociedade através da educação.

Uma proposta de formação social com essa amplitude e características não se consolida entre quatro paredes ou dentro de uma realidade específica, por isso, a **educação deve estar aberta para o mundo**, partir da realidade, mas abrir horizontes e conquistar novos conhecimentos. Ficar preso no próprio mundo significa reduzir a capacidade de transformar. É preciso romper as barreiras científicas e culturais impostas pelos colonizadores e avançar cada vez mais, na construção de um conhecimento globalizado e edificador do nosso projeto de sociedade.

O Movimento Sem Terra pretende formar sujeitos capazes de intervir e transformar a prática social. Isso significa uma **educação para ação**, onde as pessoas conseguem problematizar a realidade e participar dos processos de transformação social. A teoria é o fundamento da prática, portanto ambas devem se articular de forma coerente para que a ação seja organizada, bem planejada e dê bons resultados do ponto de vista da transformação social.

O Movimento Sem Terra está inserido em uma realidade, onde estabelece relações políticas e econômicas que de certa forma definem suas estratégias de lutas e o planejamento de suas ações. Neste sentido, sua **educação deve estar aberta para o novo**, para entender e ajudar nas relações estabelecidas entre o MST e a sociedade. Enquanto processo complexo, dessa relação surge conflitos e contradições que devem ser administrados com consciência e responsabilidade a partir do conhecimento de causa.

Para compreender a dinâmica da pedagogia do Movimento Sem Terra, é preciso ter consciência de que a escola não é o único espaço educativo, é mais um dos diversos tempos/espaços formativos, porém sua importância é inquestionável dentro desta pedagogia, conforme afirma Caldart (2000, p. 19),

[...] a escola acaba sendo ocupada pela intencionalidade do MST. A reflexão aponta como o movimento pedagógico que forma os Sem Terra, não cabe na escola, mas a inclui como uma dimensão cada vez mais importante, exigindo dela que volte a olhar-se como lugar de formação de sujeitos humanos, em um processo educativo que fica mais rico quando se sabe quem nem começa e nem termina nele mesmo.

A educação do MST quer contribuir na construção de novos sujeitos, para isso, é preciso que esta formação rompa com os valores da sociedade dominante e construa novos valores e princípios. A escola enquanto instituição formadora de consciência deve acampar esses valores e fazer de sua pedagogia um ato político transformador, trazendo para o bojo da discussão as relações da sociedade em desenvolvimento e suas contradições.

As contradições precisam ser superadas, identificá-las e não planejar sua superação não faz muito sentido. A educação do MST propõe ações práticas para a transformação social e superação das contradições que se potencializam no bojo da sociedade capitalista. Para Freire (2005, p.42),

A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos. Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, simultaneamente atuam sobre ela.

Freire alerta para a questão teoria e prática na reflexão da ação, que pode superar as contradições e transformar a realidade e destaca a inserção crítica dos oprimidos nessa realidade. A atuação do oprimido, na sociedade opressora de forma consciente e a partir de uma organização coletiva, refletida e planejada é o caminho para a transformação.

No entanto, a educação deve reconhecer-se como transformadora e adotar caminhos que possam conduzir as pessoas na direção da formação cidadã, através de uma concepção político-ideológica, organizativa, cultural, moral e afetiva.

Nesta perspectiva, a educação do MST, deve assumir um caráter de formação integral do sujeito, trabalhando em suas práticas educativas todas as dimensões da pessoa humana, ambas em sintonia e tendo como alicerce a realidade social sobre a qual vivemos.

Portanto, aponta-se alguns valores da educação do MST, o sentimento de indignação diante das ações que oprimem o ser humano; a coletividade, a igualdade, o respeito as diferenças e ao meio ambiente, o exercício constante da crítica e autocrítica, o planejamento, etc.

O enfoque cultural no processo educativo da pedagogia do MST se sustenta conforme Caldart (2000), na teoria pedagógica que admite olhar para um processo de formação mais amplo que é provocado pela dinâmica do movimento como um processo educativo, do qual a escola é uma parte. No entanto, vê-se uma recuperação da visão de educação como formação humana a qual a escola deve auxiliar. Com isso, queremos dizer que a educação é um projeto social no qual se destacam as relações entre educação e vida produtiva, entre formação humana e cultural, e entre educação e história. As ações educativas intencionais e planejadas das escolas devem orientar a partir de elementos sociais concretos e culturais e jamais deixar de compreender a escola fora de seus vínculos com processos sociais sólidos.

Uma dimensão muito importante da pedagogia do MST é o trabalho que defende a relação necessária que devem ter a escola e a educação com sua produção histórica. No caso da Educação do Campo, as práticas pedagógicas não devem deixar de considerar a luta pela Reforma Agrária e os desafios colocados para a implementação de novas relações sociais produtivas.

Assim a educação para o MST, enquanto ação voltada para a realidade do campo, deve ajudar a solucionar seus problemas que vão aparecendo no dia-a-dia da vida no campo e desafiam essa população a sobreviver nesse espaço mesmo diante das adversidades. Por isso, educação e trabalho se relacionam enquanto elemento de superação das dificuldades e se complementam conforme apontam Machado e Vendramini (2011, p. 80),

[...] assim como o trabalho, a educação é sócio-históricamente determinada. A forma de produção dos meios de vida implica formas de aprendizagem e

de ensino. Consideramos que a educação permite a socialização para o trabalho, para a vida social e para a inserção social; o aprendizado, de acordo com as necessidades históricas; o intercâmbio entre o homem e o meio; a transmissão de conhecimentos, valores, comportamentos, regras, cultura de um modo geral.

Neste contexto, a educação visa à construção de novas relações sociais e tem como elemento estratégico a cooperação. A educação que não se relaciona com o trabalho não se sustenta enquanto emancipadora e deixa de possibilitar o desenvolvimento de políticas concretas que rompa definitivamente com o projeto capitalista, que de maneira perversa esbanja na sociedade a exploração, a miséria, a desigualdade e a dominação das pessoas.

O MST chama a atenção para a relação educação, trabalho e desenvolvimento na perspectiva humana e não mercadológica. O trabalho enquanto meio de sobrevivência não pode desrespeitar os meios de sustentabilidade ecológica e nem desenvolver uma prática alienante de exploração de mão-de-obra. Ao contrário, o trabalho e a educação devem compreender como se estrutura o ecossistema e a biodiversidade natural e estabelecer relações conscientes do uso dos recursos naturais de maneira a preservá-los.

No sentido de estreitar os laços entre educação e trabalho, Pistrak (2005, p. 104) resume de forma bastante compreensiva essa questão dizendo que,

[...] o trabalho na escola não pode ser concebido sem que se considerem os objetivos gerais da educação.
Não é o trabalho em si mesmo, o trabalho abstrato, como se fosse dotado de uma virtude educativa natural e independente de seu valor social, que deve servir de base para o ensino do trabalho manual.

No entanto o autor evidencia o trabalho concebido do ponto de vista social, onde se compreende a realidade atual, e a criança, através do trabalho educativo possa ter uma relação tranquila com o trabalho socialmente útil.

Estamos falando do trabalho como uma atividade humana que se configura de modo educacional e revolucionário, só assim poderá ser concebido como construtor da nova sociedade. Assim, este precisa ser libertado da sua condição mercadológica, nesse aspecto a educação pode ajudar, colocando o trabalho na prática pedagógica como uma atividade do ser humano.

O trabalho nesta perspectiva casa-se com as ideias libertadoras da pedagogia do Movimento Sem Terra, e por isso a escola do campo deve estar sempre presente na vida dos educandos/as, na ação prática do movimento e na construção da nova sociedade. Assim, a instituição do trabalho se torna a escola da vida.

4 - Considerações Finais

Seria imprudente negar, ou mesmo subestimar a profunda mudança que o advento da Educação produz na condição humana. Partindo desse princípio, o Movimento Sem Terra, está construindo uma marca histórica no contexto da educação brasileira, ao propor uma pedagogia que desarma as armadilhas da educação capitalista e propõe a construção de uma nova sociedade, com novos valores e princípios.

A educação capitalista afeta negativamente os mais variados aspectos da vida humana. E a função da Educação do Campo é despertar a autoconsciência, a compreensão e a responsabilidade de cada indivíduo, e coletivamente, promover a autonomia e a liberdade. Ou seja, compreender os termos dessa nova educação, permitindo-nos entender como o mundo funciona, para que possamos transformá-lo.

Neste sentido, a Educação do campo, se dedica a tarefa de transformar, a partir de conceitos básicos da existência humana compartilhada como: emancipação, individualidade, trabalho, tempo/espaço, cooperação e comunidade. A pedagogia do MST constrói no dia-a-dia, formas e mudanças significativas para alcançar o almejado projeto de sociedade que está em discussão e tem a educação como elemento principal dessa construção.

5 – Referências

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo – SP: Expressão Popular, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo - SP: Paz e Terra S/A, 2004.

_____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 45ª ed. São Paulo - SP: Paz e Terra S/A, 2005.

MACHADO, Ilma Ferreira. VENDRAMINI, Célia Regina. **A relação trabalho e educação nas experiências escolares do MST**. In: MACHADO, Ilma Ferreira. VENDRAMINI, Célia Regina (orgs.). **Escola e movimento social: experiências em curso no campo brasileiro**. São Paulo -SP: Expressão Popular, 2011.

PISTRAK, M. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo - SP: Expressão Popular, 2005.

SILVA, Maria Abádia da. **O Pensamento Político-Pedagógico e Manifestações de Florestan Fernandes Acerca dos Organismos Financeiros Internacionais**. In: CUNHA, Célio da. SILVA, Maria Abádia da. (orgs.). **Pensamento Pedagógico e Políticas de Educação**. Brasília - DF: Liber Livro Editora, 2013.